Universidade de São Paulo

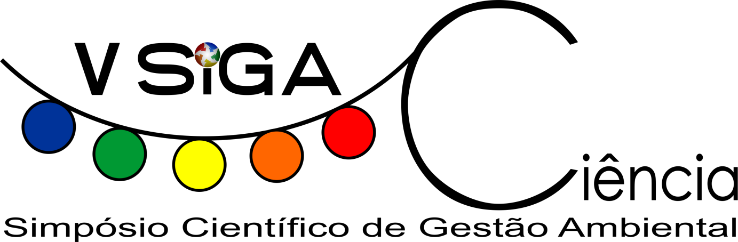
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”

Departamento de Ciências Florestais

LCF0679 – Políticas Públicas, Legislação e Educação Florestal

Prof. Dr. Marcos Sorrentino

Seminário para Interação em Gestão Ambiental (XIII SIGA) e V SIGA Ciência



Gabriella da Silva Ribeiro

Nº USP: 8968651

Piracicaba, 2016

O Seminário para Interação em Gestão Ambiental ocorreu nos dias 20 e 21 de agosto de 2016 no prédio da engenharia da ESALQ/USP. Esse evento propõe criar espaços de debate e construção de uma sociedade mais sustentável, por meio de apresentações de profissionais da área e pesquisadores bem como a comunidade que se envolve com os temas abordados. Este ano o tema foi “Nós e as Florestas”.

O objetivo principal do evento é sensibilizar e fazer refletir sobre as problemáticas ambientais que são evidentes atualmente, além de buscar cidadania, qualidade de vida e conservação da natureza.

Esse ano o SIGA trouxe os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) com algumas metas, como por exemplo: “Até 2020, assegurar a conservação, recuperação e uso sustentável de ecossistemas terrestres e de água doce interiores e seus serviços, em especial as florestas, zonas úmidas, montanhas e zonas áridas”. Esse e os muitos outros objetivos são voltados para a recuperação das florestas e consequentemente conservação, entretanto, os objetivos abrangem outros focos, como a paz, justiça e instituições eficazes; igualdade de gênero; educação de qualidade; saúde e bem estar; erradicação da pobreza e entre outros.

Por ser um algo não muito abordado no cotidiano, o SIGA apresentou os ODS de forma interativa, assim cada participante teve a oportunidade de pegar o objetivo que se identificava mais em uma árvore artesanal que estava no pátio da entrada da engenharia. O objetivo o qual escolhi foi o de número 15: “Vida sobre a Terra”.

Ainda sobre o início do evento outro ponto que vale a pena destacar foi à apresentação do Coral Luiz de Queiroz. As apresentações trouxeram sensibilidade e aproximação com os temas que seriam abordados em todo o evento, além de trazer algo artístico em um senário científico.

A programação foi dividida em painéis, facilitando a divisão dos temas e a inserção dos mesmos no tema central “Nós e as Florestas”. O Painel I abordava “A Realidade do Desmatamento” e continha três palestras, a primeira era “O Panorama do Desmatamento no Brasil e no Mundo” ministrada pelo Philip Fearnside do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Em sua apresentação Philip abordou muito sobre o histórico do desmatamento, apontou estatísticas que mostravam o quanto aumentou, em quais regiões o foco é maior, qual a principal problemática que gira em torno do desmatamento, além de destacar o envolvimento da política nesses assuntos.

Para o palestrante, os principais motivos do desmatamento é oriundo da agricultura (soja) e da pastagem, conjuntamente com as terras mal distribuídas no país. Além disso, para o mesmo a exploração de madeira nativa e a política do país são fatos evidentes que contribuem com o aumento do desmatamento. A posse de grandes terras nas mãos de poucos é um fato que ocorre no país desde o seu descobrimento e se pendura até nos dias atuais.

Por meio de mapas e imagens foi possível notar a mudança na paisagem com o avanço do desmatamento, destacando a Terra do Meio (Pará) e os conflitos políticos, sociais e econômicos que lá ocorrem. Além disso, o palestrante destacou a polêmica da BR-319, evidenciando sua reabertura e as problemáticas que giram em torno a esse tema.

Um dado importante de Philip foi que exceto a BR-319 que foi reativada pelo governo, as demais estradas constatadas no mapa (Figura I) não foram registradas e nem estavam no planejamento do Governo Federal.

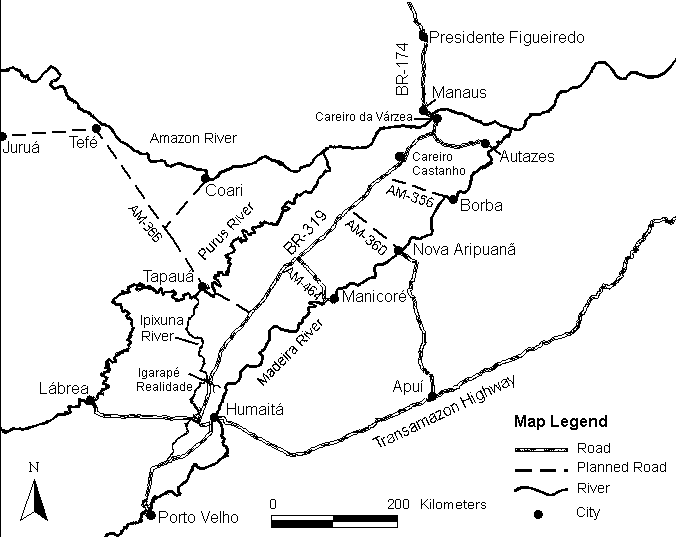


Figura I. Estradas existentes na Amazônia Legal e que não foram planejadas.

Esse dado evidência que o problema não é pequeno e sim apresenta grandes dimensões e que a política do Brasil contribui com o aumento do desmatamento. Porém Philip se atentou em mostrar um pouco dos dois lados, destacando também alguns benefícios que a rodovia pode trazer para o desenvolvimento do país.

Para finalizar sua palestra, Philip comentou sobre as populações indígenas que vivem na Terra do Meio e falou bem breve sobre os impactos que eles sofrem. Destacou ainda sobre o Novo Código Florestal e estoque de carbono.

A palestra ministrada por Philip é de estrema importância para o conhecimento sobre os conflitos e políticas que giram em torno do tema, e principalmente averiguar quais são as causas e quais as ações que devemos tomar para a diminuição do desmatamento nas áreas de riscos.

Um ponto em que talvez devesse se atentar mais é que na verdade a produção agrícola no país não é uma grande vilã, pois as áreas que mais são desmatadas são aquelas voltadas a pecuária e as áreas destinadas ao cultivo agrícola são menores. De acordo com RODRIGUES, de 1/3 da área agrícola do país, 2/3 é utilizada para pastagens. Assim, podemos concluir que o problema maior está na política.

A importância de entender as políticas ambientais e a legislação, é que por meio delas é possível se situar nas problemáticas e tentar resolver, contendo o embasamento teórico.

A segunda palestra do dia foi ministrada pela Alexandra Freitas da The Nature Conservancy Brasil (TNC) tendo como título “Os Conflitos das Florestas: A Expansão da Fronteira Agrícola e Demarcação de Terras Indígenas”. Ela destacou mais a questão das terras indígenas e o que o desmatamento trás para essa população.

De início Alexandra abordou a história do Brasil, contando desde os primórdios a relação do homem branco com os indígenas, as diferenças dos costumes, a cultura, e como que os europeus tiveram o contato com a população indígena desconhecida da época. Outro fato importante da história que destacou foi o crescimento do desmatamento desde o descobrimento do Brasil e os impactos que esse desmatamento trouxe para o país e para a população indígena.

A palestrante trouxe também o conceito de fronteira agrícola e as problemáticas que essa ação ocasiona no país. Ademais abordou como a fronteira agrícola foi e é formada e quais os impactos que essas fronteiras trazem principalmente para a população indígena.

Com o foco nas fronteiras agrícolas a palestrante destacou a principal do país atualmente, a chamada MATOPIBA. Muito do que foi falado na primeira palestra foi relembrado na segunda, fazendo com que os temas estivessem totalmente conectados.

As questões políticas não ficaram de lado e evidentemente que ao falar de terras indígenas foi levantada a Constituição de 88 que destacava os paradigmas e a diversidade na cidadania, e a criação do Marco das Terras Indígenas.

Finalizando sua palestra Alexandra mostrou mapas e dados estatísticos destacando que as terras indígenas ficam próximas e muitas vezes ficam onde estão as fronteiras agrícolas. Além disso, mostrou as divergências entre terras indígenas x expansão da fronteira agrícola, as barreiras para impedir o desmatamento e comentou rapidamente sobre as PECs.

Esse assunto da segunda palestra é muito importante, pois os indígenas possuem o direito de possuir terras destinadas a eles, pois com o tempo a cultura desse povo foi se perdendo e a sociedade não deu o devido valor para os indígenas, o que força a ideia de que é muito importante defender os direitos que essa população possui.

Para finalizar o primeiro painel outra palestra foi dada com o foco no desmatamento, chamada “O Desmatamento Histórico e o Futuro do Cerrado”, ministrada por Raoni Rajão da escola de engenharia da UFMG. Como todas as outras, essa palestra obtinha o foco o desmatamento, porém focado no Cerrado e não mais na Mata Atlântica e na Amazônia.

Raoni relatou muito sobre as questões climáticas, sequestro de carbono, o cerrado, comparou o desmatamento entre os biomas (cerrado, mata atlântica e amazônia), destacando também a agricultura e sua influência com o crescimento do desmatamento.

Importante relatar que o palestrante evidenciou sobre o fim do desmatamento na Amazônia Legal, o CAR, o pagamento de serviços ambientais e ecossistêmicos, compensação da Reserva Legal (RL) e o ativismo ambiental. Para ele, essas são importantes ferramentas para minimizar com o desmatamento.

Relatar sobre o tema desmatamento no cerrado é muito importante, pois muitas vezes o foco é voltado apenas para a amazônia e a mata atlântica e não é notado que aos poucos o cerrado vai perdendo suas árvores por pastagens e plantios agrícolas.

Finalizando o painel I foi feita uma mesa redonda para expor as questões do público em relação do que foi exposto.

O Painel II abordava “As Políticas e Ações para a Preservação” e contiveram quatro apresentações às quais de uma forma geral abordavam quais as técnicas existentes para a conservação.

Abrindo essa segunda parte o Roberto Palmieri do IMAFLORA ministrou a palestra a qual falava sobre “Uso Sustentável como Estratégia de Conservação da Biodiversidade”.

No início, Roberto introduziu o IMAFLORA relatando o que é feito lá, quais os projetos, objetivos, a missão, os valores, quais eram as áreas de atuação considerando todo o Brasil e entre outros pontos importantes da empresa.

Como o foco do evento foram as florestas, o palestrante também trouxe mapas que mostravam o histórico de ocupação humana em áreas em que a porcentagem de florestas nativas era alta e que eram destinadas para a população indígena, como por exemplo, o São Félix do Xingu.

Palmieri também abordou as questões dos indígenas, uma vez que o IMAFLORA possui diversos projetos com a população indígena, quilombola, ribeirinha e entre outros. Importante salientar que mesmo o Brasil possuindo muitos conflitos em territórios indígenas, muita exploração ilegal e que a destruição das florestas ser algo frequente, ainda existem empresas, instituições, ONGs, pesquisadores que lutam contra a destruição, a ilegalidade e são por essas pequenas ações e políticas públicas que ainda existem as populações indígenas, ribeirinhas, caiçaras, quilombolas e entre outras diversas populações que descrevem a cultura do país.

É evidente a importância dessas populações, pois muitos produtos que o “homem da cidade” utiliza são oriundos das florestas e muitas vezes são os indígenas, por exemplo, que extraem a matéria prima. Então, por que não destacar qual a importância desses povos? Por que não respeitar as culturas e o espaço de cada um? É por essas perguntas e muitas outras que se vê a falta de políticas públicas e legislação no país focada na total proteção dessas populações mais atingidas.

É com esse intuito que o IMAFLORA criou o projeto “Florestas de Valor” o qual trabalha com a aproximação com as populações ribeirinhas, indígenas ou quilombolas para que haja comunicação entre as comunidades locais e as empresas interessadas nos produtos que produzem. Além disso, esse projeto ajuda na facilitação do trabalho das populações locais, uma vez que é mostradas a elas novas tecnologias de produção.

A ideia do projeto é muito boa, porém se deve tomar um cuidado para não impor outras culturas e dinâmica de produção os quais as populações não estão acostumadas. O essencial é a conservação da cultura local e consequentemente a conservação da natureza aliadas com a produção, todos esses aspectos devem estar em harmonia.

Dando continuidade nas apresentações, a outra foi sobre “O CAR após o 5 de maio: o que acontece agora?”, ministrada por Maria José Zakia do Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais (IPEF). Em sua apresentação Zeze introduziu a origem do CAR apresentando uma linha do tempo mostrando os principais pontos da história da criação desse cadastro. Conciliando a história com a definição, mostrou qual a importância de se ter o CAR, quais as vantagens, desvantagens, como fazer e qual a situação do estado de São Paulo em relação aos cadastramentos.

Em suma, as propriedades de SP estão em sua maioria cadastradas porém, ainda existem aquelas propriedades sem cadastro e que tiveram um maior prazo para cumprir o cadastramento.

O CAR é muito vantajoso para auxiliar no monitoramento da existência de Reserva Legal, APP, Áreas de Uso Consolidado, ou seja, ajuda a verificar se os donos das propriedades estão cumprindo com o Novo Código Florestal. Porém, ainda falta muita fiscalização e ajuste no programa, pois como cada proprietário tem a liberdade de colocar quais os limites da área ainda existe muita sobreposição de áreas nos cadastros, o que é um problema para o monitoramento.

Nos dias de hoje existem muitas tecnologias voltadas para a área ambiental que facilita nos trabalhos. A palestra seguinte da Zeze foi ministrada por Matheus Henrique Nunes doutorando em Ecologia e Conservação Florestal na Universidade de Cambridge. Sua palestra foi sobre “Uso de Tecnologias para a Conservação Florestal na Ilha de Borneo, Malásia”.

De início, o palestrante enfatizou sobre a importância de estudos relacionados com a conservação e do uso da tecnologia para auxiliar nos estudos ambientais em geral. Para mostrar um exemplo, a apresentação em geral se baseou no seu trabalho de doutorado que em resumo é sobre a utilização da tecnologia de sensoriamento remoto utilizando o LIDAR para observar a estrutura da floresta e o grau de perturbação que a Ilha de Borneo passou durante os anos.

Conciliar a tecnologia com as questões ambientais de conservação e monitoramento traz vantagens e facilita o trabalho de observação e tirada de conclusões, além de otimizar as resoluções dos problemas encontrados.

Para finalizar o primeiro dia do evento foi ministrada a última palestra que foi um “Estudo de Caso: Os impactos de Mariana, MG”, dada por Hideraldo Buch coordenador geral do Fórum Mineiro de Comitês de Bacia Hidrográfica.

De maneira geral, Hideraldo mostrou os impactos que foram causados depois do desastre que ocorreu no estado de Minas Gerais e quais as providencias que já foram tomadas e aquelas que ainda faltam ser tomadas para que a justiça seja feita com a população que residia por lá e a justiça com a própria natureza que sofreu fortemente com a tragédia.

Ainda hoje é evidente os estragos que foram feitos não apenas no estado de Minas e no Rio Doce, com o rompimento da barragem diversas cidades foram afetadas e até mesmo o mar no Espírito Santo foi atingido pela lama, ocasionando um impacto ambiental, social e econômico significativo.

Medidas políticas estão sendo tomadas para que a empresa SAMARCO pague pelo estrago que foi feito, mas ainda será necessária muita luta e pró-atividade dos órgãos envolvidos para a recuperação da vida nos locais afetados.

É notório que aprofundar os conhecimentos sobre política e legislação é crucial para o entendimento e para a resolução dos problemas como foi o caso de Mariana. Entendendo mais sobre o assunto é possível se ter um embasamento teórico para a facilitação do diálogo com empresas, órgãos públicos, entidades estaduais para resolução dos problemas, como foi o caso de Mariana.

No segundo dia pela manhã o Painel III foi registrado contendo quatro palestras e uma mesa redonda ao final. A temática do painel era “O Fator Econômico e o Social na Proteção das Matas”. Essa vertente trouxe a realidade de produtores e como o ambiente está totalmente relacionado com o social e o econômico. Recuperar florestas, conservar não apenas plantar árvores, cumprir a lei, é mais do que isso, é preservar vidas, é manter culturas que dependem da floresta, é gerar renda por meio do natural e ao mesmo tempo ter uma vida boa, é saber conciliar produção x conservação.

A primeira palestra era sobre “Iniciativas Privadas: As RPPNs na Defesa Ambiental” a qual o Antonio Carlos Carioba da Federação das Reservas Ecológicas Particulares do Estado de São Paulo (FREPESP). O dono da propriedade relatou sobre o local que se localiza do município de Jaú. Disse quais são os trabalhos que realiza na propriedade, como é feito, como a família concilia a produção e a conservação e como ele chegou à conclusão de que se ganha muito mais conciliando a conservação com a produção.

Como importância de contextualização, o senhor Antonio apresentou o histórico da propriedade e nos relatou quais eram o uso da terra nos inicios dos anos e como foi se modificando com o passar dos anos, além disso, destacou a evolução da fazenda e como ela se transformou e passou de uma propriedade totalmente agrícola para uma propriedade a qual consorcia Lavoura – Pecuária – Floresta.

O interessante do trabalho do produtor é que além produzir ele realiza trabalhos de educação ambiental, conservação, micro bacias hidrográficas, restauração e dentre outros. Além disso, a propriedade cumpre as leis referentes, possuindo assim Reserva Legal, APP, RPPN, CAR, Outorga de Água e Georeferenciamento da fazenda.

Um aspecto importante que o senhor Antonio realiza em sua propriedade é o Pagamento de Serviços Ambientais (PSA), com esse programa o dono recebe um auxílio para investir na propriedade com o intuito em contribuir com o ambiente. Dessa forma, no caso da Reserva Ecológica Amadeu Botelho (propriedade do senhor Antonio) o PSA é destinado para: brigadas contra incêndios, sinalização, aceiros, reforma de cercas, vigilância, estudos científicos e entre outro propósitos.

Ações como a do senhor Antonio deveriam ser mais frequentes, pois a utilização da terra para diversas atividades é trazer maiores opções de mercado e ao mesmo tempo conseguir cumprir a lei com maior facilidade. As atitudes desse produtor refletem diretamente na sociedade e esse é um dos objetivos mais importantes quando se fala de políticas públicas, ensino público, conservação e entre todos os outros assuntos que remetem ao social e ao ambiental.

Com um foco mais científico, mas ainda na vertente em contribuição com a sociedade o Daniel Braga mestre pelo programa de Recursos Florestais da ESALQ/USP apresentou uma palestra sobre os Sistemas Agroflorestais para Reabilitação e Segurança Alimentar: Expectativas da Amazônia.

Em sua apresentação, o palestrante evidenciou o que é um Sistema Agroflorestal e qual sua importância levando em consideração o ponto da conservação e da segurança alimentar. Mostrando muitas imagens e vídeos, Daniel passou para o público a ideia de que com um Sistema Agroflorestal se pode ter muitas vantagens e que essa prática não é algo novo, e os indígenas sempre praticaram o consórcio de culturas. O que falta nessa área são estudos para a melhoria da inserção dos métodos de produção tanto para o pequeno produtor quanto para o grande produtor.

Ademais, o palestrante mostrou exemplos reais de lugares em que esse sistema díspares de produção é aplicado e que quando estudado e adaptado as condições do local da inserção é possível ter uma produtividade muito alta. O modo de vida, a forma como cultivam os alimentos e a natureza também foram apresentados na palestra.

Um tema novo e muito interessante que foi abordado foi “Quintais Agroflorestais”, o palestrante mostrou como pode ser feito esses quintais e também mostrou exemplos reais de que são formas de produção que trazem diferentes alternativas e diferenciam dos métodos tradicionais de cultivo.

Apresentar exemplos de que esses sistemas conseguem ser produtivos e que dão certo, só aumentam as evidências de que o tema é crucial na atualidade e que as grandes empresas deveriam levar como exemplo e adotar essas técnicas trazendo maiores oportunidade de crescimento e renda. A partir do momento em que o homem conseguir pensar de forma mais abrangente e não se delimitando em ideias pequenas será possível a humanidade entrar no eixo sem ter problemas com as suas engrenagens.

Com caráter mais filosófico e social, o professor Philippe Waldhoff do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazônia (IFAM) em sua palestra sobre “As Relações Sociais com as Matas” trouxe o conceito de árvore e sua importância para diferentes culturas, e como cada uma trata e vê a importância da mesma.

Além de mostrar os diferentes tipos de árvores (árvore da vida, árvore cósmica e a árvore do conhecimento) o palestrante evidenciou as mudanças climáticas e a relação dessas mudanças com o comportamento das árvores e como essas mudanças afetam nos ciclos existentes.

A forma como Philippe abordou a árvore foi mostrando sua importância desde os primórdios e como ela influencia na cultura de cada um. Essa abordagem sem viés totalmente econômico ajuda na percepção de que além de qualquer coisa as árvores possuem um valor sentimental, um valor único e que sem elas com certeza a humanidade não existiria.

Finalizando o Painel III a Juliana Farinaci do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) apresentou sobre a “Recuperação (em áreas) da Cobertura Florestal Nativa das Últimas Décadas no Estado de São Paulo”. Em sua palestra, Juliana abordou mais sobre os dados de sua pesquisa e quais as alterações que ocorreram com a cobertura florestal nativa no Estado de SP. A pesquisadora apresentou dados estatísticos, gráficos e mapas que mostravam o histórico de acontecimentos que influenciaram diretamente na questão da cobertura vegetal nativa. Aspectos socioambientais, recuperação de fragmentos florestais, foram temas que Juliana abordou também.

Após todas essas palestras com os temas relacionados, mais uma vez foi feita uma mesa redonda para discutir os principais pontos ditos e para que o público fizesse suas questões. Esse momento da mesa redonda é muito importante para que os palestrantes possam ter um feedback e perceber quais as dúvidas centrais sobre os temas de estudos.

Na segunda parte do dia foram dados minicursos que abordavam sobre temáticas ambientais e a escolha ficava por conta de cada participante. Por ter afinidade com a parte de arquitetura e sustentabilidade decidi assistir o minicurso que falava sobre: Certificação de Edificações Sustentáveis, dado pela Luiza Junqueira.

Em sua apresentação ela abordou muitos aspectos relacionados com a sustentabilidade que ainda é escassa nas construções e como é possível se conseguir a certificação. É muito importante ter noção de que as construções civis pode caminhar junto com a sustentabilidade e a conservação, e que cada vez mais existem demandas no mercado que estão exigindo a certificação com mais frequência.

Participar de um evento como o SIGA é muito importante para expandir os conhecimentos e assim poder perceber que ainda há muito a se fazer com relação a temática floresta e que existem ações que nos motivam a seguir pesquisando e aprendendo. Depois de assistir todas as palestras uma gama de ideias podem ajudar na concretização de uma intervenção de políticas públicas para a melhoria de algo para a sociedade, pois é pra isso que a educação serve, auxiliar as pessoas para fazer o certo, mostrar a verdadeira realidade e enfatizar quais os caminhos existentes para a mudança e progresso.